

Livre Mercado

DIÁRIO DO NORDESTE (Coluna “Negócios” – Egídio Serpa) - Em 2009, depois de dois anos de pesquisas, os irmãos cearenses Ricardo e Fernando Castro Alves, sócios da empresa **SK Bombas**, ganharam o Prêmio Inova com o projeto do Módulo Inteligente de Bombeamento (MIB), que dispensa a caixa d'água dos edifícios residenciais e comerciais. Alegando normas técnicas do Corpo de Bombeiros, os empresários da construção civil do Ceará sugeriram e os Castro Alves remodelaram o MIB e também o negócio: em vez de vender o equipamento, passaram a loca-lo. Pois bem: empresas construtoras de São Paulo, que já usam equipamento semelhante importado do estrangeiro, mostraram interesse pelo MIB e começarão a testa-lo nas próximas semanas. É sempre assim: santo de casa não faz milagre, ensina o Evangelho

Minério cearense é cobiçado por empresas nacionais

Empresas nacionais negociam com uma firma carregadora a exportação de minério cearense. Primeira exportação do Estado chega a 60% de carregamento do navio Apóstolos, que deve estar pronto para seguir viagem à China amanhã



O POVO (Andreh Jonathas) - Cinco empresas nacionais negociam com a Tecer Terminais Portuários o contrato de carregamentos de minério de ferro e manganês do Ceará para exportação, informou ao **O POVO** uma fonte ligada à empresa.

``São brasileiras,

mas vão explorar minério de ferro e manganês no Ceará. Tem uma que vai começar a extrair no segundo semestre. Essa é de Goiás``, disse.

O nome das empresas ainda se mantém em sigilo, mas conforme repassou, algumas empresas já solicitaram licença de exploração e estão em fase avançada de negociação com a Tecer.

O Ceará passa por um momento de redescoberta do seu potencial para exploração e exportação de minério. O cenário é considerado favorável em função da grande quantidade de pequenos jazimentos de minério de ferro; produto de qualidade; logística barata e pelo interesse do mercado chinês, conforme vem defendendo o Governo do Estado.

A Agência de Desenvolvimento do Ceará (Adece) estima um potencial de 12 milhões de toneladas por ano de minério de ferro, conforme **O POVO** informou em reportagem dia 23 de fevereiro.

As empresas interessadas no produto cearense são de Goiás, duas do Bahia, duas do Rio Grande do Norte, e uma local, informou a fonte da Tecer.

Conforme o chefe do distrito Departamento Nacional de Produção Mineral (DNPM) no Ceará, há duas concessões de lavra para extração de manganês em Quiterianópolis e Novo Oriente para a Libra & Ligas do Brasil S/A. Mas esses processos são de 1959.

PARCERIA

A empresa chinesa Globest, que realiza a primeira exportação de minério de ferro do Estado, se mantém silenciosa quanto às possíveis parcerias com outras grandes empresas chinesas. **O POVO** apurou, no entanto, que estão nos planos trabalhar em conjunto. ``Não há nada concreto, mas a gente está aberto``, afirmou uma fonte ligada à diretoria da empresa.

A Globest investe em um mercado antes desacreditado no Ceará. Mesmo enfrentando dificuldades, a empresa afirma continuar acreditando em bons negócios.

``Não é fácil o que a Globest está fazendo. A gente já acreditava que era possível. Mas o mercado depende de uma série de fatores.

No caso da Globest, foi um pioneirismo. No passado, talvez pensasse duas vezes para fazer. Se analisar que tipo de empresa está no mercado, vai entender que uma experiência dessa só se faz quando se enxerga uma oportunidade. Estamos tentando conseguir o negócio``, declarou.

1ª carga de ferro do CE sai amanhã

O POVO - A primeira exportação de minério de ferro do Ceará está na fase de embarque. Cerca de 60% das 75 mil toneladas vendidas à China já foram carregadas no Navio Apostolos até ontem. O produto foi extraído pela chinesa Globest em São José do Torno, Sobral, e deve partir amanhã.

A proposta da Globest é levar 300 mil toneladas à China em 2010, com um carregamento a cada dois meses.

"Está tudo conforme o planejado. A gente vai se aprimorando para os próximos embarques. É a primeira vez, por isso, nunca é exatamente como se quer``, afirmou uma fonte ligada à diretoria da Globest.

Metais: Investimento de R\$ 400 milhões vai elevar a oferta de perfis de alumínio à construção

Votorantim faz expansão na CBA

VALOR ECONÔMICO - Enquanto monitora, com lupa, o que considera ainda fracos sinais de recuperação da economia mundial pós crise, pelo menos para os negócios que comanda, a Votorantim Metais decide que o momento é bom para crescer em alguns segmentos no Brasil. Por conta da expansão imobiliária, por exemplo, a holding de metais do grupo Votorantim vai investir R\$ 400 milhões, 40% do seu orçamento total para 2010, em um projeto para expansão de produtos transformados de alumínio. Infraestrutura e embalagens são outros mercados promissores.

Os dinheiro será alocado para instalar duas novas prensas de extrusão na unidade de negócio alumínio operada pela Cia. Brasileira de Alumínio (CBA) no interior de São Paulo. Os dois equipamentos vão adicionar capacidade de 2 mil toneladas mensais às atuais 3,6 mil de material fabricado, com destaque para perfis, usados em edifícios comerciais residenciais, comerciais e outros. As duas máquinas já foram encomendadas e a previsão da VM é estar com elas em operação ainda no quarto trimestre deste ano.

"Nosso foco, no momento, é atender o crescimento da demanda que vemos no mercado interno", afirma João Bosco Silva, diretor-superintendente da VM. No cenário mundial, explica, ainda não existem fundamentos firmes que justifiquem a retomada de empreendimentos que foram paralisados por conta da crise de setembro de 2008, seja em alumínio, níquel ou alumínio.

A CBA, maior fundição de alumínio do país, com capacidade de 475 mil toneladas ao ano, tem projeto para instalar mais uma linha de 125 mil toneladas, a oitava da empresa, mas o plano está em banho-maria devido ao custo de energia no país, considerado um dos mais altos do mundo. Enquanto isso, busca ampliar sua oferta de produtos transformados. Cerca de 80% da produção da CBA está voltada para o mercado interno.

Segundo Bosco, apenas a expansão da fábrica de zinco de Cajamarquilla, projeto de US\$ 500 milhões no Peru, foi mantida durante a crise, porque já estava com 80% das obras avançadas. Mesmo com esse percentual, a unidade de ferro-níquel, em Niquelândia (GO), foi paralisada e não tem data definida para ser reativada. Em Juiz de Fora (MG), a empresa mantém paralisado o projeto Polimetálicos na sua unidade de produção de zinco.

"Somos um produtor responsável", declara o executivo, lembrando que o ano ano passado foi muito difícil - de queda forte nos preços dos metais e de retração profunda na demanda local e mundial de metais. Ele exemplifica: "Comparada a 2007, a cotação média do alumínio teve queda de US\$ 1 mil no ano passado". Por conta do câmbio, acrescenta, o preço em real caiu muito.

Enquanto 2009 foi "um ano de foco na conservação do caixa, com pente fino nos custos e racionalização das operações", este "ainda tem muitas incertezas no mercado, pois não há sinais fortes de aumento da demanda". O aumento de preços que se verificou está mais relacionado à volta dos investimentos dos fundos de commodities, desestimulados perante à fraqueza do dólar e dos juros baixos. Para Bosco, a boa notícia é que os estoques, nos produtores e armazéns da Bolsa de Metais (LME) pararam de cair.

A VM não enxerga, neste ano, nada exuberante nos preços. "Vemos um cenário de relativo aumento em alguns casos; em outros, nada", diz Bosco. Para o alumínio, um acréscimo de 20% sobre a cotação média de 2009, para algo como US\$ 2 mil a tonelada. No níquel, zero de recuperação - a indicação é que ficará estacionado em US\$ 17 mil (preço médio). Já o zinco, que a empresa prevê produzir 760 mil toneladas por conta da duplicação de Cajamarquilla, a alta será de

30%. "Neste último caso, há o efeito China", aponta, informando que o país é um grande importador tanto de zinco quanto de níquel.

Para zinco, o mercado brasileiro também vive um bom momento, informa. O consumo de aço galvanizado (que utiliza uma camada de revestimento com o metal) pela indústria automotiva tem crescido bem, mas ainda ligeiramente abaixo de 2008.

O executivo observa que os preços ainda são bem inferiores à média observada nos anos de 2006 a 2008. Aqueles foram anos dourados para os metais e todos os produtores no mundo ganharam muito dinheiro. E a Votorantim Metais também não ficou fora dessa era de bonança.

Hoje, a VM reúne em São Paulo 370 clientes brasileiros, dos EUA e da França em São Paulo para traçar um panorama da economia mundial e para discussão de segmentos de consumo, como infraestrutura, agronegócios, transportes e embalagens. Ângelo Zavattieri, diretor da área de mineração e metalurgia do Barclays Capital, em Londres, traçará uma panorama do mercado mundial de commodities metálicas.

Metalurgia: Empresa venceu licitação para fornecer separadores para Petrobras e vai atender também Angra 3

EBSE terá fábrica de tubos em Pernambuco

VALOR ECONÔMICO (01.03) - A empresa carioca EBSE Soluções de Engenharia (antiga Empresa Brasileira de Solda Elétrica) acaba de ganhar concorrência para construir os seis separadores de produtos das plataformas P-58 e P-62, da Petrobras, com o preço de € 3,9 milhões (aproximadamente R\$ 11 milhões). A companhia também prepara-se para inaugurar uma fábrica de tubulações em Itapicumã, próximo à Ilha de Itamaracá, em Pernambuco, substituindo uma unidade que está sendo desativada em Jacareí, no interior de São Paulo. A empresa vai construir também tubulações especiais para a futura usina nuclear de Angra 3.

Apesar da constatação de que o mercado somente agora está em fase de aquecimento, o diretor superintendente da EBSE, Marcelo Bonilha, disse esperar para este ano um faturamento de R\$ 185 milhões, quase 50% maior do que os R\$ 125 milhões do ano passado. Segundo o executivo, a Petrobras, principal mercado da empresa, voltou a acelerar as compras de equipamentos para a refinaria Abreu e Lima, em Pernambuco, e começa a "botar na rua" licitações para compras destinadas a outros projetos, especialmente para construção de plataformas.

Com a conquista do contrato para fazer os separadores - equipamentos que separam o petróleo extraído do poço do gás, da água e da areia que sobem à superfície junto com o óleo - das plataformas P-58 (campo de Baleia Azul, ES) e P-62 (campo de Roncador, RJ), a EBSE passou a contar em sua carteira com encomendas dos mesmos equipamentos para cinco plataformas.

Além das duas já citadas, a empresa fará os separadores das unidades P-55 (também para Roncador), P-57 (campo de Jubarte, ES) e Cherne (revitalização, na bacia de Campos, RJ). Todos os separadores serão construídos em parceria com a holandesa Frames, empresa detentora do pacote tecnológico dos equipamentos. A contratação dos separadores na EBSE faz parte de um processo de nacionalização desses equipamentos que, segundo Bonilha, antes eram inteiramente importados. A tecnologia adotada, contudo, continua sendo estrangeira.

Sobre a fábrica de Pernambuco, Bonilha disse que ela deve entrar em funcionamento no próximo mês, com investimento de apenas R\$ 3 milhões. Segundo ele, o investimento será baixo porque a EBSE está alugando, com opção de compra, um galpão já equipado com pontes rolantes para a movimentação das peças em fabricação.

Além disso, como a nova fábrica vai, na realidade, substituir a unidade de Jacareí, a maior parte dos equipamentos será simplesmente transferida de um Estado para o outro. Bonilha disse que a fábrica de Jacareí está sendo fechada porque os contratos que justificavam sua existência estão chegando ao fim. A unidade principal da EBSE fica no bairro de Santíssimo, zona oeste do Rio, onde ela produz, principalmente, tubos de aço.

Em relação os tubos com aços especiais para a futura usina de Angra 3, Bonilha disse que a EBSE beneficiou-se de contratos que já existiam desde o tempo da contratação das usinas Angra 1 e 2, reativado agora que o governo federal decidiu retomar as obras de Angra 3.

A EBSE pertenceu originalmente ao grupo Macife, passando depois ao controle do antigo Banco do Estado do Rio de Janeiro (Banerj). Com a privatização do Banerj, em 1997 (comprado pelo banco Itaú), a empresa ficou sob controle do Berj, parte do antigo banco estadual que não foi privatizada e que permanece até hoje sob controle do Estado. Em 2000, a MPE adquiriu o controle da EBSE com 51% do seu capital, permanecendo os outros 49% de posse do Berj.

Mineração: Chineses selam ingresso no capital da MMX

VALOR ECONÔMICO (01.03.10) - A conclusão do negócio entre o grupo chinês Wuhan Iron and Steel (Wisco) e a MMX Mineração e Metais, empresa controlada pelo grupo EBX, do empresário Eike Batista, foi celebrada na sexta-feira. Na ocasião, o grupo chinês fez a integralização de capital na MMX via subscrição de 101,8 milhões de ações ordinárias (ON, com direito a voto), equivalentes a 21,52% do capital da mineradora. A integralização foi feita pela Wisco Brasil Investimento em Metalurgia, subsidiária brasileira da companhia chinesa, conforme previsto no cronograma da operação de aumento de capital da MMX em curso.



Os chineses pagaram pela parceria com Eike R\$ 738,9 milhões, o equivalente a US\$ 400 milhões convertidos pela cotação da moeda americana em 10 de fevereiro e já depositados na conta da mineradora, como adiantou Roger Downey, presidente-executivo da MMX ao **Valor**. Ainda faltam R\$ 480 milhões para serem integralizados pelos minoritários, que poderão exercer seu direito de preferência de subscrição destes papéis ao custo de R\$ 7,26 por ação, até o dia 18 de março. O aumento de capital da MMX deve totalizar R\$ 1,2 bilhão.

"Quem achava que tinha risco na operação com os chineses agora concluiu que o risco era zero", disse Downey em resposta a investidores que tinham dúvidas em relação à transação com a Wisco. Peng Chen, diretor financeiro do terceiro maior conglomerado de mineração e siderurgia da China, veio ao Brasil especialmente para fechar a transação, acompanhado de 27 técnicos e consultores. Como

minoritária, a Wisco terá direito a dois assentos no conselho de administração da MMX. Contudo, não foi assinado nenhum acordo de acionistas entre as partes.

Para Downey, a entrada da Wisco na MMX muda para melhor a situação da empresa, a começar pelo fechamento do contrato de compra e venda de 50% do minério de ferro a ser produzido pela mineradora, cuja meta é ampliar sua capacidade de produção para 33,7 milhões de toneladas, em princípio até 2013. Deste total, 32 milhões serão exportados, dos quais 16 milhões para a Wisco, nos próximos 20 anos.

O dinheiro dos chineses também vai ajudar a empresa a ficar "com balanços mais bonitos", como enfatizou Downey, que garantiu estar trabalhando para melhorar a situação operacional e reduzir a dívida da MMX em 2010. "Com estes recursos, minha dívida será bem mais baixa do que era", disse ele, sem informar o valor do débito, alegando que está para divulgar o balanço do quarto trimestre de 2009 da empresa no dia 12 de março.

Prévia dos resultados da companhia neste período, divulgada pela Itaú Securities, acena com melhora dos números da MMX no quarto trimestre de 2009, por conta de um volume recorde de vendas de minério no período, de 1,8 milhão de toneladas. Apesar das vendas contribuírem com receita estimada de US\$ 117 milhões para a mineradora, a Itaú Securities avalia que ela deve fechar o balanço trimestral no vermelho.

A MMX deve amargar um prejuízo na faixa de R\$ 25 milhões, valor 95% menor que o prejuízo de R\$ 507 milhões obtido no mesmo período de 2008, avaliam os analistas Marcos Assunção e Alexandre Miguel. Eles prevêem ainda um lucro antes de juros, impostos, depreciação e amortização (lajida) negativo de R\$ 18 milhões, superior aos R\$ 8,5 milhões negativos do mesmo período de 2008. E uma margem lajida de menos 15,4%, ante uma margem de menos 8,5% no quarto trimestre de 2008.